

Má feição no espelho, má feição em cada esquina  
sua dor e sua revolta não cabem em teorias.  
Mas me recolho por entre livros e compreendo nossa sina.  
A sociedade já é bárbara – E pré-histórica ainda.

Nosso taciturno rosto mascarado por maquiagem  
É tomado a cada instante pela banalidade do mal  
Atravessamos apressados a vida pelo salário  
vendo o sorriso triste do palhaço no sinal.

Os guardiões da noite são heróis traumatizados  
de lúdicas crianças, a prole da classe baixa  
com o ferro na cintura tal qual o homem de farda  
Ambos seguindo o jogo de uma vida que os mata.

Esperando a próxima vítima, seu vizinho, seu semelhante  
Se antes eram meninos indefesos, hoje são monstruosos traficantes.  
Que se espalham feito percevejo nas vielas da cidade.  
Eis a mágica ideológica narrando a realidade.

Não é verdadeira a mágica mas o lucro é real  
E a dominante classe celebra seu arsenal  
escondem-se por entre os muros da cruel burocracia  
Nessa relação litúrgica em nossa missa de sétimo dia.

Enquanto o cidadão de bem, não por pura maldade  
Se vê aprisionado na mais leiga liberdade  
De exercer os direitos conquistados pelos seus impostos pagos.  
Descansam ao fim da tarde no consumo do lazer  
Cultuando a poesia feita para cego ler.

Não é braile a poesia, nem é cegueira da visão  
Pois o cego lê realmente tocando com suas mãos.  
A cegueira que relato é a cegueira social  
Que o cego da visão também pode ler igual  
Nossa cegueira quotidiana é a reprodução do capital.

*Vol. 06, num. 10, 2022.*

[1]



E o cidadão bem informado – Dentro dos seus olhos rasos  
Escolhe – Pelo direito dado,  
O mais novo empregado  
De suas confusas ambições.  
à sua direita hienas, à sua esquerda leões.  
Disputando cara e coroa quem assume os balcões.

Mas, qual a face da moeda tem o rosto menos mau?  
Se a base que as forja é exatamente igual?

Enquanto o mundo é transformado pela tecnologia  
Os trabalhadores alienados são analógicos ainda  
E o corpo que é moído pela máquina é real.  
Engolidos, sem sentido pelo poder do Capital.  
Que produz mercadoria pelo gozo do consumo  
E consomem o lazer pelas telas do futuro.

Produz e não se enxergam na produção que de si fazem  
Só se enxergam pelas lentes da dominante sociedade  
Que inverte a beleza de viver em exploração  
E todo dia morrem por dentro tendo consciência ou não.

O coração é ferido quando se perde a humanidade  
Nas relações de produção dessa maldita sociedade.

E há ilustres ninguéns – na ilusória realidade  
Envaidecidos por obediência prestada às autoridades  
Sentem-se cidadãos de média a primeira classe.  
tropeçam na falácia do tal empoderamento  
Que aumenta a taxa de lucro - no gozo do crescimento.

E esse mal - já nos foi dito nos livros empoeirados  
Que contam a verdadeira história dos antigos operários  
Só se finda no reconhecimento do comum objetivo  
É nítido em toda luta e nas linhas que tenho escrito

Os meninos e meninas dessa sina desigual  
seguem o destino da morte nessa lógica social  
E os que creem no poder encontram-se já vencidos  
Pois o poder que é presumido segue apenas um destino  
O poder, solene, segue a ordem desigual  
Do senhor de toda a guerra, o poder do Capital.

